CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS
v. 38, n. 1, 2023
e-ISSN: 2595-4091

REDE DE MULHERES NEGRAS DE PERNAMBUCO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUEM NO COMBATE AO RACISMO E NO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO

Autor: **Isaias Silva**
ORCID:0000-0003-1455-9836
Filiação: UFPE
Isaiassilva-@hotmail.com

Autor: **Adrieny Alves da Silva**
ORCID: 0009-0006-2383-1888
Filiação: UNIFACOL
adrienysilva3@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, realizado no contexto do curso de Pedagogia do Centro Universitário FACOL (UNIFACOL), com o seguinte objetivo geral: compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra. Essa pesquisa de abordagem qualitativa visou pesquisar junto as colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco da cidade de Vitória de Santo Antão-PE. No que permeia os instrumentos de coleta de dados, utilizamos entrevista semiestruturada (GIL, 1999) e a partir dos achados nos discursos realizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). A partir das análises destacamos os seguintes núcleos de sentido: I) Práticas educativas para além da escola; II) Conscientização e Empoderamento; III) Valorização da identidade; IV) Pedagogia como ferramenta de transformação social. Nesta direção, destacamos que a Rede de Mulheres Negras se configura enquanto um espaço-tempo de promoção de práticas educativas que contribuem no processo do combate ao racismo e no fomento ao protagonismo das mulheres negras pernambucanas, ao reconhecer as mulheres autoras de suas práticas, lutas e histórias.

PALAVRAS-CHAVE:

Rede de Mulheres Negras. Pernambuco. Prática Educativa. Combate ao Racismo. Protagonismo feminino.

Trabalho submetido em 04/01/2023 e aprovado em 16/04/2023.
DOI: https://doi.org/10.33148/CES(2159)

BLACK WOMEN'S NETWORK FROM PERNAMBUCO: REFLECTIONS ON EDUCATIONAL PRACTICES THAT CONTRIBUTE TO THE FIGHT AGAINST RACISM AND BLACK FEMALE PROTAGONISM

ABSTRACT

This article is the result of the Course Completion Work-TCC, carried out in the context of the Pedagogy course at the Centro Universitário FACOL-UNIFACOL, with the following general objective: to understand how the educational practices developed by the Network of Black Women of Pernambuco contribute to the fight against racism and black female empowerment. This qualitative research aimed to research the collaborators of the Black Women's Network of Pernambuco in the city of Vitória de Santo Antão-PE. Regarding the data collection instruments, we used a semi-structured interview (GIL, 1999) and based on the findings in the speeches, we performed Content Analysis (BARDIN, 1977). Based on the analyses, we highlighted the following core meanings: I) Educational practices beyond school; II) Awareness and Empowerment; III) Valuation of identity; IV) Pedagogy as a tool for social transformation. In this direction, we emphasize that the Black Women's Network is configured as a space-time for the promotion of educational practices that contribute to the process of combating racism and in promoting the protanonism of black women from Pernambuco, by recognizing the women authors of their practices, struggles and stories.

KEYWORDS: Black Women's Network.Pernambuco. Educational Practice. Fight Against Racism. Female Protagonism.

RED DE MUJERES NEGRAS DE PERNAMBUCO: REFLEXIONES SOBRE PRÁCTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUYEN A LA LUCHA CONTRA EL RACISMO Y EL PROTAGONISMO FEMENINO NEGRO

RESUMEN

Este artículo es resultado del Trabajo de Finalización de Curso, realizado en el contexto del curso de Pedagogía del Centro Universitario FACOL (UNIFACOL), con el siguiente objetivo general: comprender cómo las prácticas educativas desarrolladas por la Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuye a la lucha contra el racismo y al empoderamiento de la mujer negra. Esta investigación, de enfoque cualitativo, tuvo como objetivo investigar a las colaboradoras de la Red de Mujeres Negras de Pernambuco en la ciudad de Vitória de Santo Antão-PE. Cuanto a los instrumentos de recolección de datos, utilizamos una entrevista semiestructurada (GIL, 1999) y con base en los hallazgos de los discursos realizamos el Análisis de Contenido (BARDIN, 1977). A partir de los análisis, destacamos los siguientes significados centrales: I) Prácticas educativas más allá de la escuela; II) Conciencia y Empoderamiento; III) Fortalecimiento de la identidad; IV) La pedagogía como herramienta de transformación social. En este sentido, destacamos que la Red de Mujeres Negras se configura como un espacio-tiempo para la promoción de prácticas educativas que contribuyan al proceso de combate al racismo y a la promoción del protagonismo de las mujeres negras pernambucanas, reconociendo a las mujeres que son autores de sus prácticas, luchas e historias.

PALABRAS CLAVE: Red de mujeres negras. Pernambuco. Práctica Educativa. Combatir el racismo. Protagonismo femenino.

Para citar este artigo: SILVA, I.; SILVA, A. A. da. REDE DE MULHERES NEGRAS DE PERNAMBUCO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUEM NO COMBATE AO RACISMO E NO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO. **Cadernos de Estudos Sociais,** v. 38, n. 1, jan./jun., 2023. DOI:https://doi.org/10.33148/CES(2159)
Disponível em: http://periodicos.fundaj.gov.b r/index. php/CAD. Acesso em: dia mês, ano.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, sendo permitido que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que seja dado ao autor o devido crédito pela criação original e reconhecida a publicação nesta revista.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, realizado no curso de licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário FACOL – UNIFACOL. O mesmo apresenta como objeto de pesquisa ‘‘as Práticas Educativas que contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro”. O referido objeto de pesquisa ganha relevância por abordar pessoas que sofreram e ainda sofrem bastante pela desigualdade e o preconceito, aqui em específico, as mulheres negras. Nessa direção, um ponto que vale ressaltar é apresentado por Gomes (2003, p. 171), quando questiona “[...] Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão?” Nesta linha de pensamento consideramos relevante que a(o) docente realize uma autoavaliação e reveja os seus conceitos ‘‘Será que estou estimulando e incluindo minhas(os) estudantes, a refletir sobre o lugar-papel das(os) negras(os) todos os dias do ano letivo ou apenas no dia da Consciência Negra?”.

Partimos do pressuposto que organizações que trabalham com mulheres negras representam um espaço-tempo de luta e resistência contra o racismo e contribui nas lutas e resistências das mulheres. Essa pesquisa justifica-se a partir das seguintes dimensões: pessoal, acadêmica, social e profissional. No âmbito pessoal, destacamos que na minha condição de mulher, assumo um lugar de fala que tenciona as lógicas machistas e ideológicas que impõem o lugar inferior as mulheres. Ratificamos também, a importância de refletirmos sobre o racismo imposto especialmente aos povos negros. Assim, enquanto sujeitos de direito consideramos importante discutir sobre o empoderamento feminino para a (des) construção de uma sociedade machista da qual nos impõem.

Na dimensão acadêmica, este objeto de pesquisa ganha relevo, no decorrer de nossa formação ao longo do curso de Pedagogia, onde fomos sendo instigadas a (re)pensar o lugar-papel da mulher negra na sociedade. Nesse sentido, destacamos a relevância de buscarmos metodologias interculturais críticas, que estimulem a autonomia e criticidade da(o) estudante. Assim, consideramos que a(o) discente necessita se identificar com a escola para poder gerar uma aprendizagem real e significativa.

Na questão social, esta reflexão ganha sentido, à medida que visa propor diálogos centrados no processo de conscientização do público em geral e na mudança de práticas voltadas para combater ao racismo e estimular o empoderamento feminino negro. Consideramos que escola

busca a humanização e visa contribuir para a vida pessoal de cada estudante. Assim, consideramos que necessitamos seguir questionando e reivindicando nossos direitos humanos, como também denunciando os preconceitos e abusos sofridos pelas mulheres negras em nossa sociedade.

No tocante à dimensão profissional, evidenciamos que temáticas como estas corroboram para que possamos seguir produzindo narrativas outras, pelas quais podemos construir um cenário social, político e educacional centrado no respeito às diferenças. Por isso, é necessário que aprendamos, enquanto futuras(os) docentes, a trabalhar essas questões em nossos espaços educacionais, que envolvam o combate ao racismo e evidencie o protagonismo feminino. Por esse conjunto de dimensões, esta pesquisa vai se configurando como uma possibilidade teórico-metodológica que se propõe dialogar e contribuir na construção de uma sociedade plural e heterogênea.

Nesse viés, sinalizamos que pesquisar e aprofundar reflexões nesta linha de estudo irá contribuir na formação crítico-reflexiva dos sujeitos, visando promover um olhar intercultural crítico e consciente da(o) professora(a) para com as(os) discentes, destacando a identificação e a autonomia de cada uma(a) das(os) estudantes, como também contribuir no processo de realização de práticas educativas que contribuam no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro. Nessa direção, concordamos com Piaget (1982, p. 246), ao destacar o pensamento crítico nas metas da educação:

> [...] A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Desse modo, destacamos a importância de compreendermos a educação em sua dimensão política e pedagógica no que se refere a formação humana dos sujeitos. Assim, esta pesquisa estrutura-se a partir da seguinte questão problema: Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro? Nesse sentido, como Objetivo Geral, temos: Compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra. E como Objetivos Específicos: 1) Identificar as práticas educativas realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco; 2) Identificar e caracterizar a partir dos discursos das mulheres negras os impactos da atividades educativas realizadas pela rede no tocante ao combate ao racismo e o seu empoderamento; 3)

Analisar os sentidos das práticas educativas promovidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco visando a construção de uma sociedade mais inclusiva no que se refere as relações étnico-raciais e gênero.

Dessa forma, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma além desta introdução, Gênero e Empoderamento Feminino Negro; Metodologias, Resultados e Discussão, Considerações Finais e Referências.

2. GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO

Neste tópico, tratamos teoricamente a respeito do gênero e empoderamento feminino negro, à luz das(os) seguintes autoras(es): Louro (2008), Carneiro (2003), Baquero (2012) Gomes (2002), Lima e Vala (2004). Esse diálogo nos possibilita considerar as faces e interfaces diante dessa temática. Ao nos debruçarmos sobre essa temática, consideramos fundamental refletir sobre as questões de "Gênero", assim, de acordo com Louro (2008, p.18) consideramos que "A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais". Nesta reflexão, fica em evidência que aprendemos através de inúmeros ambientes, práticas, e circunstâncias que são socialmente e culturalmente impostas/construídas pela sociedade e a cultura da qual vivenciamos a respeito do gênero.

Nesse sentido, consideramos que ninguém nasce humano, atendendo as questões humanizadas e sociais, assim como, consequentemente, as mulheres não nascem mulheres, elas aprendem por toda imposição colocada socialmente culturalmente sobre como ela deve se comportar, agir, se vestir e até mesmo como pensar. No entanto, vale destacar que ao longo dos anos nós mulheres sempre estamos lutando para conquistar um espaço de autonomia e liberdade que sempre esteve presente no ambiente masculino.

Diante de todas estas questões, de opressão e desigualdade social, fez-se/faz-se necessário uma grande luta e posicionamento feminino durante todos os anos, nós mulheres estamos desde sempre tentando combater esse patriarcado totalmente machista e exclusivo. O movimento de combate a isso foi a fundamentação do feminismo, que implica na igualdade e equidade dos gêneros.

Obviamente há distintas realidades e vivências dentro do grupo feminino da nossa sociedade, a vivência e a realidade de uma mulher negra é completamente diferente da vivência de uma mulher branca, que também é completamente diferente da vivência de uma mulher asiática e entre outras; tendo isto em mente, o feminismo não pode ser generalizado para todas as mulheres

se ele não representar adequadamente todas as mulheres, por isso, no passar dos anos, o feminismo se tornou abrangente para todas as mulheres para que possa atender às necessidades de todos os grupos femininos em sua particularidade única.

Sobre a trajetória das mulheres negras, Carneiro (2003, p. 118) evidencia que

> Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais.

Nessa reflexão, a autora traz uma expressão propriamente designada para aprofundar-se nas lutas e nas necessidades das mulheres negras e em toda sua trajetória de vida, considerando que, como abordamos anteriormente, suas vivências são distintas e, por conseguinte, faz-se grande a necessidade de ser específica, de modo que atenda aos diferentes grupos femininos. Nesse viés, sinalizamos que se o feminismo atendesse apenas às necessidades de "algumas" mulheres, por exemplo das mulheres brancas, os processos de lutas iriam continuar sendo desiguais para as mulheres negras, que para além de sofrerem com o patriarcado, sofrem com o racismo, por isso a importância dessa abrangência feminista para ser de fato plural e de todas(os). Assim, com tudo isso que foi abordado, implica dizer a importância também do empoderamento feminino, como é fundamentado por Baquero (2012, p.174), ao refletir sobre o empoderamento:

> [...] O termo é um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder. O termo tem sido utilizado em diferentes áreas de conhecimento educação, sociologia, ciência política, saúde pública, psicologia comunitária, serviço social, administração; constituindo-se em ferramenta de governos, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento em agendas direcionadas para a melhoria da qualidade de vida e dignidade humana de setores pobres, boa governança, maior efetividade na prestação de serviços e responsabilização social.

Assim, sinalizamos que o empoderamento feminino tem como uma de suas fundamentações o "reforço do poder", que está sendo utilizado de forma bastante abrangente e acolhendo diferentes áreas de conhecimento, como também em outras questões sociais, políticas e culturais. Desse modo, considerando o que os grupos feministas passaram anos de opressão e silenciamento, com ajuda do empoderamento, poderemos trazer de volta e/ou resistindo as nossas forças e seguirmos lutando contra as injustiças sociais presentes em nossa sociedade. O

Feminismo é um grande ponto a respeito desse empoderamento, já que esse processo de luta e resistência busca a garantia do respeito às diferenças.

Ao sinalizarmos essas questões, passamos a refletir como a escola pode contribuir no empoderamento das mulheres. Desse modo, se as estudantes tiverem acesso a uma educação de qualidade referenciada em suas marcas identitárias, não aceitaram e seguiram buscando o seu direito de ser no mundo. Assim, necessitamos cada vez mais proporcionar espaços-tempos em que as mulheres tenham um protagonismo na sua história e sejam ouvidas devidamente pela sociedade, considerando que vivemos em sociedade machista e sexista que sempre tenta silenciar as mulheres.

Um ponto a ser abordado é que crianças gostam bastante do entretenimento e podemos usar essa ferramenta para chamar a atenção delas(deles) para essa discussão. Crescer vendo que nos filmes e na cultura do entretenimento em geral possui mulheres fortes e protagonistas de sua vida, elas poderão identificar-se e perceber que tudo é possível, que podem fazer o que quiserem, parece algo simples, mas, ainda nos dias atuais sempre assemelham os personagens fortes ao masculino e desmerecem as lutas e as causas femininas, sempre colocando-as em segundo plano.

Desse modo, evidenciamos que conseguimos mudar esse estereótipo ao longo dos anos, abordando e trazendo personagens femininas fortes para as telas de entretenimento, como por exemplo, a “super-heroína Mulher-Maravilha”, trazendo essa força e protagonismo feminino e no Pantera Negra, em que trazemos a força e a garra de personagens negros muito fortes e inteligentes. São pequenas coisas que fazem total diferença no processo de crescimento de uma criança, a qual se crescer vendo que tem bonecas parecidas com ela, personagens fortes independentes será estimulada a perceber que sua identidade e características são lindas e devem ser valorizadas. Antes no entretenimento a meta das personagens femininas, quando eram protagonistas, era se casar. As mulheres podem ter essa meta de vida também, pois cada uma é livre para fazer suas escolhas e seguir seus sonhos, mas, seria sua única meta? Será que os sonhos de todas as mulheres são de casar e ter filhos?

A partir dessas reflexões, é importante buscar esse direito de escolha, de igualdade, equidade e liberdade que entre outros pontos, são muito necessários para as mulheres em nossa sociedade. Consideramos que só podemos mudar a sociedade quando tudo for compreendido e fizer uma mudança real e significativa. Retomando o protagonismo trazemos as contribuições de Carneiro (2003, p.129), ao sinalizar dois momentos:

> O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela

> escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrindo as perdas históricas.

Nessa direção, como sinalizamos acima, no tocante à utilização de filmes com personagens femininas como protagonista para essa estimulação de identificação e empoderamento, e, através das reflexões apresentadas por esse autor, destacamos o respeito dessa luta pela busca de protagonismo real em nossa sociedade. As mulheres negras tiveram inúmeros direitos negados em toda a história, e agora estamos lutando para que possam ser protagonistas de sua vida e para que haja uma mudança em sua vida em sociedade. Assim, também destacamos a importância de uma vivencia das mulheres seguirem se redescobrindo diante da sociedade machista e patriarcal. Esses elementos reforçam cada vez mais a importância pela busca de uma sociedade plural para todas as mulheres. Elas necessitam empoderar-se para redescobrir toda essa sua força e poder que têm dentro de si e lutar contra as forças de opressão e silenciamentos.

Toda essa questão abordada a cima implica dizer que nesta sociedade racista da qual ataca, discrimina e viola os direitos humanos das(os) negras(os), que são oprimidos durante anos e tem uma tentativa de silenciamento por parte da sociedade. De acordo com Lima e Vala (2004, p.402), temos uma explicação a respeito do racismo e todo o seu fundamento e implicações. Eles consideram que "O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento".

Nessa vertente, podemos observar o quão absurdo e sem sentido se constitui o racismo. A pessoas na nossa sociedade têm uma ideia de que um grupo é superior que o outro e com isso o grupo que se acha superior começa a discriminar e excluir o grupo social do qual é diferente dele, levando a consequências sérias e péssimas para o indivíduo que sofre a opressão. Por causa desse tremendo absurdo devemos lutar pelo combate ao Racismo. Necessitamos contribuir na construção de uma sociedade plural que respeita as diferenças.

Para que haja uma educação intercultural crítica que proponha um tratamento específico e diferenciado, buscando assim destacar o respeito ao próximo e as suas características, necessitamos abraçar e estimular o processo de identificação negra, como abordamos anteriormente, e assim podemos gerar uma mudança positiva na vida dos indivíduos se forem devidamente realizadas. Vale ressaltar uma abordagem de Nilma Lino Gomes (2002, p.39), destaca:

> A identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade.

Assim, não podemos fazer uso de procedimentos metodológicos descontextualizados em sala de aula e que, por vezes, reforçam as heranças do patriarcado e do machismo. Necessitamos trabalhar em diálogo com as(os) envolvidas(o)s para desenvolver meios de estimular a identificação e a identidade negra desde muito pequena(o). A(o) docente necessita abordar desde sempre a valorização da individualidade da(o) estudante independentemente, considerando que muitos são forçadas(os) a entrar em um padrão que exclui as características específicas. Dito isso, a(o) docente necessita desenvolver práticas pedagógicas que contemplem todas(os) as(os) estudantes e não fazer diferença entre elas(es).

3. METODOLOGIA

Nesta seção, evidenciamos: a abordagem metodológica, os instrumentos de coleta de dados, os sujeitos/colaboradores, os critérios de escolha dos sujeitos/colaboradores; procedimentos de análise e lócus da pesquisa. A pesquisa constitui-se a partir de uma abordagem qualitativa que, de acordo com Uwe Flick (2004, p.20):

> As ideias centrais que conduzem a pesquisa qualitativa diferem daquelas empregadas na pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade ele abordagens e métodos.

O foco da pesquisa são os sujeitos (participantes), portanto o olhar crítico dos(as) pesquisadores(as) importa para a análise do resultado e não os dados estatísticos. Outro ponto desta pesquisa é fazer uma reflexão a respeito de tudo que foi trabalhado e observado, assim, não iremos apenas coletar os dados, mas, vamos refletir a respeito da realidade que estão inseridos(as). Ressaltamos que se faz necessário que tenhamos como base referenciais teóricas para construir a pesquisa com a base científica e de qualidade, como também é necessário a variedade de abordagens e metodologias a serem trabalhadas.

A respeito da coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada que, de acordo com Gil (1999, p. 117), “é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe

formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que lhe interessam a investigação". Esse procedimento promove uma investigação mais dinâmica entre a entrevistadora(o) e a entrevistada, contemplando os temas e dados que irão enriquecer cada vez mais a entrevista. Manzini (2012, p. 156) complementa dizendo que

> a entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta.

Assim, consideramos que é uma forma possível de utilizar a entrevista, fazendo com que a(o) entrevistada(o) em questão, sinta-se participante ativo na realização da pesquisa na condição de produtor(a) de conhecimento. Como sujeitos/colaboradoras(es) dessa pesquisa, contamos com a participação de 4 Mulheres da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco que foram denominadas por nomes de flores (Rosa, Hortênsia, Margarida e Gardênia) para a preservação de suas identidades. Os critérios de escolha das(os) sujeitos/colaboradoras foram: mulheres que ocupam cargos de liderança na Rede e possuem o maior tempo de atuação no grupo.

A respeito do procedimento de análise optamos pela Análise do Conteúdo (BARDIN, 1977), através dessa abordagem analisamos e refletimos os dados objetivando compreender os núcleos de sentido presentes nas entrevistas realizadas junto as mulheres da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco. A análise tem um papel fundamental nessa pesquisa, como aborda Bardin (1977, p. 31), ‘‘a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações". Assim, consideramos que a Análise de Conteúdo nos possibilita refletir sobre a realidade estudada/pesquisada, considerando o contexto do enunciado das(os) sujeitos/colaboradoras(es) da pesquisa.

Nesse sentido, aprofundando no pensamento de Bardin (1977, p 95), podemos observar que encontramos distintas fases para gerar uma organização em todo o procedimento de análise: "As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação".

Como foi abordado acima faz-se necessário que a análise seja desenvolvida e trabalhada com rigor científico, para que obtenhamos resultados que atendam ao objeto pesquisado de forma contextualizada e significativa. A primeira fase é a da pré-análise que tem como característica, segundo Bardin (1977, p 95), ‘‘esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de

indicadores que fundamentem a interpretação final". Através dessa primeira fase, passamos a elaborar os roteiros de entrevista, atentando para o objeto de pesquisa, questão problema, os objetivos, como também em diálogo com o referencial teórico-metodológico que fundamenta a pesquisa.

Na segunda fase, encontramos o momento de Exploração do Material realizado após a pré-análise feita de forma coerente com o objeto de estudo. Este momento de exploração parte da seguinte compreensão:

> Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efectuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 1977, p. 101).

Neste momento, como o próprio nome evidência, explorar o material é a etapa em que nos debruçamos sobre o material e passamos pelo processo de codificação. Desse modo, analisamos os conteúdos e destacamos os núcleos de sentido presentes nos dados, para chegar na terceira fase, onde se constitui pelo tratamento dos resultados a partir das inferências e interpretações. Bardin (1977, p. 101) destaca "os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos". Como é destacado, são os resultados de todo o processo de análise da entrevista, através deles nos é dada a oportunidade de refletirmos e tecermos considerações acerca do que se foi/ é estudando à luz da abordagem teórico-metodológica que estrutura a pesquisa.

3.1. Lócus da Pesquisa

Essa pesquisa foi realizada junto à Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, localizada no município de Vitória de Santo Antão-PE, que se caracterizar por uma organização sem fins lucrativos, sem filiação e tem como característica uma organização política não-formalizada que tem como principais valores a ancestralidade, identidade e resistência. Um dos principais objetivos da organização é o racismo e ao sexismo. Desse modo, a partir desse coletivo, as mulheres da Rede vão à luta promovendo a valorização e iniciativas que contribuem para que as mulheres negras em todos os setores da nossa sociedade combatam a desigualdade existente em nossa sociedade.

A Rede teve início a partir da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, realizada em Brasília, em 18 de novembro de 2015, e de uma Marcha em Recife, que ocorreu em 9 de dezembro de 2015. A Rede conta com a participação de distintas

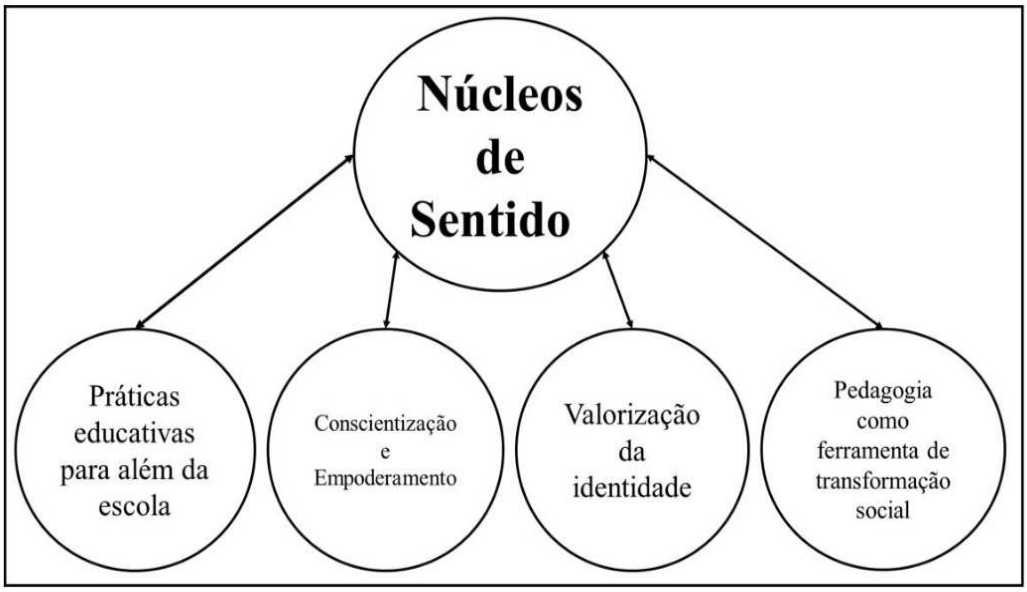
mulheres negras em variados setores da nossa sociedade, da qual tem cerca de 100 componentes[1].

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados da coleta de dados junto às mulheres participantes da pesquisa. Desenvolvemos este tópico norteados pela questão problema: Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro?

Assim, através dos dados coletados junto às integrantes da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, destacamos os seguintes núcleos de sentido abordados nos discursos apresentados por elas, conduzidos pelos objetivos presentes na pesquisa. Conforme evidenciado na Figura 1 abaixo:

Figura 1 - Núcleos de sentido evidenciados nos discursos das Colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco



Fonte: Os Autores (2021)

O Primeiro núcleo de sentido, "*Práticas educativas para além da escola* " ganha sentido nas narrativas das mulheres colaboradoras desse estudo, ao refletirem sobre os processos educativos que ocorrem para além dos muros escolares. Hortênsia (2021) aborda:

> Eu acredito que tudo que a gente realizou e realiza serviu e serve, de certa forma, como uma atividade educativa. Por exemplo, quando a gente faz arrecadação de alguma coisa

[1]Sinalizamos que essas informações foram obtidas junto às integrantes da Rede de Mulheres Negra no de 2021 durante a realização da pesquisa.

> a gente sempre elucida a importância de fazer isso por causa dessas diferenças sociais que existe devido ao racismo.

Nessa direção, refletimos sobre a importância da promoção de atividades em diferentes ambientes, considerando que a aprendizagem acontece em todo lugar e em toda hora, pois estamos em constante processo de aprendizado.

Sobre a educação formal, Anelo e Souza (2012, p. 41) assim conceitua: "A educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas". Nessa vertente, sinalizamos que a vivência das mulheres da Rede e a constante conversa e luta contribui no fortalecimento do protagonismo e empoderamento das mulheres negras. Essas ações vão contribuindo na formação crítica e emancipatória das mulheres. Ao refletir sobre as ações promovidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, Rosa (2021) pontua que realizam "Oficinas, debates, exposição de manequins com dados estatísticos sobre o racismo estrutural/ Institucional, são algumas ações que realizamos [...] ações proganizadas por nós mulheres pretas".

Desta forma, as mulheres podem trazer conteúdos de forma dinâmica e visual para chamar a atenção do público, bem como gerar um ambiente acolhedor e afetivo, que seguem na direção de uma proposta educativa centrada em suas marcas identitárias. Sobre os movimentos feministas, afirmam Santos e Silva (2018, p.130) que

> Os movimentos feministas estão trilhando um caminho em busca da *despatriarcalização* do Estado através da ocupação dos espaços políticos e das lutas por formulações de políticas públicas que primem pela igualdade para as mulheres, sem que sejam desconsideradas as diferenças intragênero.

Assim, as mulheres, ao se juntarem e seguirem reinvidicando a condição de ser no mundo, vão assumindo outra postura ante a logica do patriarcado. Desse modo um dos caminhos possíveis ou caminhos outros que a Rede de Mulheres Negras vêm seguindo estão sendo constituídos a partir de suas identidades e subjetividades. Na figura 2, a seguir, evidenciamos algumas das ações realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco no município de Vitória de Santo Antão.

Figura 2 - Práticas realizadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco no município de Vitória de Santo Antão



Fonte: Arquivos da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, Vitória de Santo Antão-PE (2021)

A atividade realizada no mês de abril de 2021, no contexto da pandemia da COVID-19, de forma virtual, sobre os cuidados com o cabelo crespo e a autoestima da mulher negra, com a participação das mulheres negras da Rede, deve como objetivo de seguir fortalecendo a identidade coletiva da mulher negra. Nesse viés, consideramos o que sugere Gomes (2002, p. 45): "se é fato que a sociedade brasileira tem, historicamente, construído formas operacionais para discriminar o negro, já é passada a hora de essa mesma sociedade reverteresse quadro e construir estratégias de discriminação positiva, ou seja, ações afirmativas".

Nessa mesma intencionalidade, a exposição de manequins, com dados estatísticos, sobre o racismo estrutural contra a população negra (com recorte de gênero), realizado em julho de 2021, na praça da Matriz da cidade da Vitória de Santo Antão-PE, teve como objetivo de vivenciar o julho das pretas,em homenagem a Tereza de Benguela,conscientizando a população em geral

sobre o Racismo Estrutural. Desse modo, consideramos que essas são algumas das ações que vêm sendo promovidas para e com as mulheres negras da Rede, visando a construção de uma sociedade sem desigualdade e de direito para todos(as).

O núcleo de sentido *"Conscientização e Empoderamento"* ganha forma na narrativa de Rosa (2021) ao destacar a finalidade das Práticas educativas: "[...] questionar, discutir, debater sobre o racismo estrutural aliado a questão de gênero (Mulher /negra), a fim de que se amplie o combate a essas chagas históricas: Machismo e racismo". Essa reflexão evidencia a necessidade de promovermos processos de conscientização e assim ampliando as possibilidades de lutar e combater os processos de exclusão, opressão, negação e silenciamento submetidos as mulheres negras, a partir da lógica patriarcal, machista e racista da nossa sociedade. Assim, ao realizamos práticas educativas voltadas para o combate ao racismo e que contribua no empoderamento das mulheres negras, estaremos contribuindo para que as(os) estudantes se tornem sujeitos críticos-reflexivos e ativos em lutas sociais, e não meros apoiadores e reprodutores de um sistema social preconceituoso e excludente.

Assim, corroboramos Freire (1979, p. 16) ao afirmar que a conscientização está relacionada à posse da realidade: "a conscientização é isto: tomar posse da realidade". A tomada de consciência sobre seu papel-função social, bem como de seus direitos-deveres em atuar de forma ativa na sociedade, enquanto sujeitos protagonistas. A Rede de mulheres Negras de Pernambuco constitui-se enquanto um coletivo de luta, resistência e de empoderamento das mulheres negras que foram/são vítimas de preconceitos e discriminação.

Desse modo, faz-se necessário atentarmos para os processos de desigualdade social para que haja uma mudança real e significativa, já que muitos ainda negam o racismo e machismo, como pontua Gardênia (2021):"Vivemos mais de 300 anos de escravidão e mais de 100 anos de negação". Esse discurso revela os processos de opressão impostos aos povos negros, assim é na tentativa de se distanciar dessa lógica colonial e de imposição e opressão, que a Rede se mobiliza para modificar essa história. Nessa vertente, sinalizamos o pensamento sobre o empoderamento abordado por Sardenberg (2009, p.2):''o empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal", apontando como o empoderamento feminino é uma ferramenta de grande poder em nossa sociedade, fazendo com que a mulher saia da posição de submissão, imposta pela sociedade patriarcal/machista/colonial durante anos. A Rede de mulheres negras de Pernambuco, assume assim, um lugar-tempo de luta e resistência, onde as mulheres negras sintam-se acolhidas e

passem a combater as heranças do sistema colonial/desigual e opressor que historicamente negaram suas vozes, corpos e saberes.

As mulheres negras da Rede vêm protagonizando ações transformadoras e que dialogam com sua realidade, como apresenta Rosa (2021) ao sinalizar que "o impacto de uma ação transformadora em uma sociedade machista, misógina e racista pode empoderar meninas/mulheres negras, estruturando-as para que enfrentem essa realidade, com um certo nível de consciência política para tentar transformar sua realidade". Como apresentado por Rosa, à medida que enxergamos e temos consciência da violação e/ou violencia sofrida, iremos ter a oportunidade de lutar pelos direitos que muitas vezes são negados e/ou violados. Há pessoas que infelizmente passam anos sofrendo descriminação e nem sabem disso, tendo isso em mente é de grande importância buscar estratégias das quais estimulem essa conscientização e esse empoderamento, para que elas saiam dessa posição, as margens sociais impostas pela sociedade machista, racista e misógina e lutem pelos seus direitos, transformando assim a sua realidade.

O núcleo de sentido *"Valorização da identidade"* é apresentado no discurso das colaboradoras de forma bastante intensa, conforme reflete Margarida (2021), ao destacar que "eu fico imaginando o que fizeram com as nossas cabeças e com a nossa alma, pra que a gente comece a negar a si mesmo e encarar a nossa identidade como um xingamento". Desse modo, chamamos atenção para as pessoas negras foram bastante oprimidas ao longo dos anos e começaram a mudar os traços e características de sua identidade para tentar se integrar na sociedade e diminuir o abismo entre os negros e as demais populações. Desse modo, Gomes (2002, p. 42), pontua que "o tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória". Por conta de tanto sofrimento e a tentativa social de silenciar e moldar as mulheres negras, muitas pessoas começaram a ver sua própria identidade como algo negativo e vergonhoso, como reforça Gardênia (2021), a sinalizar que "as pessoas em sua maioria não se assumem como negras. Por isso é necessário essa luta transformadora".

Ao considerarmos que se faz necessário conscientizar a sociedade para o respeito as diferenças, no tocante as questões de gênero e/ou de raça-etnia. Nesse sentido, esta ação sinaliza para uma possibilidade outra de pensar-sentir-viver uma sociedade equânime, inclusiva e intercultural crítica. Gomes (2002, p.42), ao refletir sobre os povos negros, evidencia que "esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo

transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade". Nessa direção, vale ressaltar que as lutas e resistências que os povos negros tiveram aos longos dos anos mesmo com tanta diferença histórica e sociocultural dessas/desses sujeitos protagonizam espaços-tempos de autoria e reconhecimento das diferenças. Assim, reconhecemos que a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, contribuem no processo de valorização da identidade das mulheres negras.

Por fim, o núcleo de sentido *"Pedagogia como ferramenta de transformação social"* ganha sentindo nos discursos de Margarida (2021), quando destaca que "a Pedagogia tem que refletir como a educação pode ser atuante para além da sala de aula". Desse modo, consideramos necessário que a Pedagogia pense na(o) estudante como um sujeito completo e não apenas como uma(o) estudante, as crianças são sujeitos em construção, mas não são incompletas ou limitam-se a sala de aula. Por essa razão a Pedagogia necessita atentar para o sujeito como um todo e promover uma educação humanizada, indo além dos conteúdos da matriz curricular e ter um olhar específico e diferenciado que dialogue com sua(s) realidade(s). Nessa perspectiva, a Pedagogia assume visa potencializar a beleza da subjetividade e enfatiza o respeito mútuo e coletivo.

Nesse sentido, Gomes (2002, p. 45) evidencia que "ao levarmos a sério essa questão e buscarmos construir estratégias de reversão doquadro de desigualdade social e racial, estaremos nos posicionando politicamente e isso implica discordâncias, negociações, acordos e tensões". Na perspectiva decolonial as práticas pedagógicas configuram-se enquanto ato político, conforme destaca Rosa (2021): "a Pedagogia enquanto ciência da educação tem esse papel/função, de conduzir através do dialogo das experiências vivenciadas por esses/essas sujeitos/ sujeitas (meninas/mulheres negras), para que durante esse seu trajeto na sociedade consigam quebrar barreiras já posto, em transformação social e coletiva".

Desse modo, compreendemos que a Pedagogia estimula essa humanização e criticidade, pelo fato da(o) estudante está inserida em um ambiente que combata ao racismo e machismo em sua atuação, consequentemente obtendo uma transformação social. Assim, pontuamos que a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco compreende sua importância no exercício pedagógico e se mobiliza na construção de estratégias que visem estimular a criatividade, protagonismo e criticidade das(os) estudantes, sejam negras(os) ou não, pois compreendem que a defesa e discussão sobre o combate ao racismo é de todas(os).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, apresentaremos as considerações realizadas o longo desta pesquisa, para isso retomamos a questão problema e os objetivos que conduziram este estudo e apresentaremos os resultados construidos através dos discursos destacados pelas mulheres da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, sujeitos dessa pesquisa. Esse estudo teve como questão problema: Como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negro? Nessa direção, objetivamos analisar os discursos das colaboradoras, buscando compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no combate ao racismo e no empoderamento feminino negra.

Nesta direção, tivemos a oportunidade de identificar quatro núcleos de sentidos na fala trazidas pelas colaboradoras da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco : I) Práticas educativas para além da escola; II) Conscientização e Empoderamento; III) Valorização da identidade; IV) Pedagogia como ferramenta de transformação social. Nessa perspectiva, observamos elementos de grande importância para esse combate ao racismo e empoderar as meninas para seguirem um caminho do qual tenham liberdade para ser quem são e orgulhar-se disso.

Nessa direção, os dados confirmaram nosso pressuposto, de fato, organizações que trabalham com mulheres negras representam um espaço-tempo de luta e resistência contra o racismo e contribui nas lutas e resistências das mulheres. Assim, podemos considerar que as práticas educativas abordadas pela Rede de Mulheres Negras de Pernambuco contribuem no fortalecimento da diferença social, justamente pela sua humanização, identificação, inclusão e por ser pensada e vivida em diálogo com a realidade das mulheres negras. No contexto das práticas educativas promovidas pela Rede, as participantes são compreendidas como protagonistas das lutas e resistências e sujeitos de direito.

No decorrer da construção dessa pesquisa, ficou em evidência como devemos buscar novas pesquisas e aprofundamentos em relação às temáticas sobre o racismo e machismo. Dessa forma, seguimos nos questionando: Como as reflexões sobre o enfretamento do racismo vêm sendo ou não realizadas nas escolas? Como as mulheres negras se percebem nos espaços escolares? Qual(is) práticas curriculares são desenvolvidas nas escolas no trato do empoderamento feminino e da negritude? Assim, seguimos ampliando os processos de reflexões teóricos-práticos na tentativa de construirmos uma sociedade cada vez mais pautada no respeito e equidade de gênero e etnico-racial.

REFERÊNCIAS

ANELO, Gisele; SOUZA, Anilda. Aprendizagem no espaço não escolar. **Revista e-Ped**. FACOS/CNEC Osório. Vol. 2–Nº1. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, edições, 70, 1977.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social? – Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan. -abr. 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulher em Movimento. **Estud. av**. vol. 17no. 49 São Paulo Sept. /Dec. 2003.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre/São Paulo: Artmed Editora. 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ºed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **ALETRIA**. –2002

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/ as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan. /jun. 2003.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, 2004, 9(3), 401-411.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **ProPosições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago 2008.

MANZINI, Eduardo. Uso da Entrevista em Dissertações e Teses produzidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação**. Revista Percurso – NEMO**. Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. Ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

SANTOS, Aline Renata dos; SILVA, Janssen Felipe da. Diálogo entre os Estudos Pós-Coloniais e o Feminismo Latino-Americano na compreensão do Patriarcado na constituição da América Latina. **REALIS**, v.8, n. 01, Jan-Jun. 2018.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista.** Salvador, Bahia. 2009.